O POVO ESPOZENDENSE

SEMANARIO INDEPENDENTE

ANNO III

ASSIGNATURA PAGAMENTO ADIANTADO
Por anno, sem estampilha, 1:200 rs. Por semestre, 600 rs. Com estampilha, anno 1:360 rs. N.º avulso 40 rs. Brazil, anno, (moeda forte), 2:500 rs. Não se restituem originaes.

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA, RUA DO ARCO N.º 8
Editor—J. da Silva Vieira
Domingo, 22 de Julho de 1894

ANNUNCIOS LOGAR COMPETENTE
Por cada linha (corpo 14) 40 rs. Repetição, meio 10 o|o Communicados, ou reclames, 40 rs. a linha. Os assignantes 25 o|o de desconto. O pagamento dos annuncios é feito no acto da entrega do original. Imposto do sello 10 rs.

N.º 105

ANNIVERSARIO

1892=1894

Mais um anno que finda e mais um que principia.

Terminou o segundo, e escrevemos o artigo do 3.º anniversario dentro dos ferros d'el-rei, para onde fomos arremessados por uma arbitrariedade que a auctoridade administrativa deste concelho acaba de commetter, sem motivo que justifique esse procedimento, a não ser um excesso do seu absoluto poder, motivado, cremos, por não deixarmos correr á revelia todos os escandalos que se praticaram no nosso concelho, os quaes temos relatado no nosso jornal. Esse o maior crime que nos podem imputar; essa a maior DESHONRA que pode pesar sobre nós.

Não recebemos subsidios, sejam elles de que naturesa fôr, nem tampouco temos sido auxiliado n'esta empreza por qualquer pessoa que nos proteja. Não; temos arcado sempre com todos os dissabores e perigos que requerem emprezas d'esta ordem, protegidos apenas pela boa vontade que temos, de elevar este concelho ao nivel de muitas outras localidades que com menos recursos do que esta se estão elevando pelo camartello demolidor do Progresso, desenvolvimento commercial e industrial, producto de muito patriotismo dos filhos dilectos d'essas povoações que se não descuidam do engrandecimento do seu lar, aproveitando não só a si esse desenvolvimento mas sim a todos quantos permanecem n'essas localidades. Aqui onde os recursos não faltam para emprezas que dariam a felicidade de muitos e a riqueza de nós todos, nada se faz, nada se consegue, a não ser a mà vontade que ha em certos histriões de destruir tudo, de amesquinhar o que ha de mais elevado e proveitoso, convertendo isto em um logar sem importancia, onde a inercia e a mà vontade, de braço dado com a falta de expediente, tentam subjugar um concelho digno de melhor sorte.

Por vezes que o nosso jornal tem sido ameaçado de morte por alguns coripheus que vêem n'elle um azorrague aos seus actos pouco dignos e honestos, maldizendo-nos e accusando-nos de falsos apostolos da Verdade pelo simples motivo de, n'este logar onde nunca tivemos por norma desmentir verdades que affirmamos, desvendar misterios que muitos facinoras desejariam que ficassem no silencio, ficando assim impunes da justiça e do grande tribunal da opinião publica que muitas vezes condemna com justo motivo.

Esse o motivo porque este jornal tem atravessado por vezes um mar de angustias, luctando com graves difficuldades para levar ao seu fim uma obra que é o espantalho de muitos desvairados e ambiciosos, e que subjuga por vezes crimes que se realisariam se não fosse o receio que ha em serem seus auctores escalpelados nas nossas columnas, apresentando-os ao publico com toda a sua bagagem de torpezas e crimes.

O jornal n'uma localidade é o orgão por onde se conhece o sentir d'um povo, a sua elevação moral, o seu desenvolvimento e prosperidade, o advogado das suas aspirações, o mensageiro dos seus desejos: é a alma de tantas almas que se faz ouvir em toda a parte e que clama incessantemente o bem estar do povo que representa. O jornal é o archivo diario d'um povo, a bussula dirigente d'uma nação e o instrumento da elevação de tudo quanto se possa chamar grande e sublime.

E foi por esse motivo, motivo que é justificado, que a nossa pouca força com a nossa grandissima vontade, nos impoz o dever de não consentir-mos que um povo como este, uma localidade que deve tender ao desenvolvimento e progresso, não ficasse no olvido, saqueando-lhe o unico farol que lhe dá luz, o dilecto facho da nova ideia—o jornal.

Não teremos muitos que nos acusem de termos commettido um erro, mas esses que em nós vêem essa affirmativa são os que querem e desejam que tudo isto viva nas profundas trevas de uma noite escura para assim terem occasião de fazer melhor o saque. Esses os nossos inimigos, esses os maldizentes.

Mas o nosso caminho está traçado desde ha muito; o nosso lemma é a verdade, o direito e a justiça, pela qual combateremos sempre e d'este caminho não arredaremos um ápice.

E agradecendo aos nossos sollicitos assignantes, collaboradores e collegas, damos-lhes um sincero aperto de mão pela protecção prestada e boa camaradagem que nos dispensam.

SILVA VIEIRA.

O MOTIVO DA NOSSA PRISÃO

Não ha que vêr, estamos no desfazer da feira, caminhamos para uma anarchia geral, uma anarchia sem freio, onde as leis do nosso paiz são calcadas despoticamente.

Justifica-o o caso que se acaba de praticar na nossa pessoa, facto que é o requinte de tudo quanto ha de mais baixo e indigno.

Relatemos o facto.

No domingo ultimo, pelas duas horas da tarde, estando nós na praça Conde de Castro d'esta villa, mandou-nos chamar o sr. Subdelegado à administração do concelho, para que declarassemos se, uma carta que diziam ter vindo de Barcellos do Juiz de Direito para esta auctoridade, assignada com o nome, diziam-nos, do snr. Domingos Ferreira da Silva, d'esta villa, a qual na summula era uma queixa áquella auctoridade sobre o caso do roubo de fazendas praticado aos srs. Francisco da Silva Loureiro e João José Rodrigues d'esta villa, era escripta por nós. A esta intimação que nos pareceu estravagante respondemos negativamente, e pedimos ao sr. Delegado para nos declarar quem eram as pessoas que tal affirmavam, em vista d'este sr. nos ter dito a principio que diziam ser nossa, respondendo-nos com uma exaltação nervosissima e que estranhamos profundamente, que ninguem lhe tinha dito tal, que era mero proposito d'elle para fazer ao effeito, pedindo-nos para que lhe mostrassemos a nossa caligraphia ao que promptamente accedemos, mostrando-lhe um autographo escripto para o nosso jornal, convencendo-se aquella auctoridade de que nada parecia a nossa letra com a da carta escripta.

A este acto assistiam diversas pessoas entre as quaes os srs. dr. Simões, Antonio Esteves, José da Costa Terra, Domingos Ferreira da Silva, Manoel Gonçalves Ferreira da Silva, Francisco da Silva Loureiro e alguns officiaes da administração e judiciario d'este julgado.

Discutia o snr. Esteves este assumpto de um modo pouco satisfatorio, com gestos aterradores, usando de uma linguagem que nós estranhamos, chegando a affirmar n'uma exaltação não propria de quem deve manter o devido respeito, quer fóra ou dentro da repartição: «Que NADA VALIA O QUE DIZIAM TODOS OS ESPOZENDENSES OU OS JORNAES, MAS QUE SÓ O QUE ELLE DIZIA MERECIA VERDADEIRO CREDITO, e que não tinha medo ou receio de quaesquer typos ou coisa que o valha, esmagando-os com a sua bota.»

Isto não eram indagações que se procuravam fazer cordatamente mas sim um accinte e insinuação feitos à nossa pessoa para assim nos exaltar exercendo a sua vingança mesquinha sobre nós como estava premeditada, em virtude do n.º do jornal d'esse dia ter desvendado o mysterioso attentado do roubo de fazendas praticado n'esta villa.

Estava tudo premeditado e nós eramos a victima expiatoria porque tinhamos tido o arrojo de dizer a verdade nùa dos factos que acabavam de dar-se.

Mas como ali nada pôde conseguir, o sr. Esteves, na sahida dos Paços do concelho, voltou a provocar-nos, não como auctoridade, mas como particular, lançando-nos em rosto indignidades que não estavam à altura de um funccionario que deve ser sempre o verdadeiro exemplo da moralidade e do decoro.

A esta calumnia respondemos mui cordatamente «que nunca ouvimos taes affirmativas da sua boca nem da de pessoa alguma referentes a taes factos, e por isso que repelliamos o repto insultuoso que nos queria lançar,» dizendo-nos depois de muitas ameaças, proprias, não de homem, mas de criança sem tino, que não tinhamos valor algum, que eramos um insignificante, um sem numero de coisas que não tinham outro fim senão a ameaça e o fim unico de nós insultar para ter occasião de nos prender, dizendo-nos por fim que todo o MUNDO nos conhecia... replicando nós que da mesma maneira o conheciam a elle. Aqui o snr. Administrador passou de simples conversa como elle proprio tinha dito ser, a lançar-nos a mão e a dar-nos voz de preso, intimando-nos a que dissessemos terminantemente se era HONRADO OU LADRÃO.

Não nos era possivel responder a tal pergunta e apenas lhe respondemos, que sustentavamos o que tinhamos dito=que em vista da sua ultima affirmativa, nòs, como elle, lhe diziamos que todo o MUNDO o conhecia.

E sem mais TIR-TE NEM GUAR-TE intimou-nos a dar entrada na cadeia, ao que nós sem o menor exforço annuimos.

Eis a nossa culpa, contada tal qual succedeu, sem rebuço que o não queremos, sem atavios de rhetorica que os não temos.

Seria esta prisão legal, não porque havia a premeditação, o proposito de nos offender por qualquer modo, desde o momento que o nosso jornal tinha dito o que se tinha passado sobre o roubo praticado?

Este abuso do poder é de tal ordem melindroso que reclama das auctoridades competentes o mais energico e ponderoso correctivo, porque uma auctoridade como esta é um perigo, um mal para a sociedade.

Aqui deixamos consignado o attentado da nossa prisão arbitraria que levaremos perante os tribunaes, e que contestaremos com provas evidentes de pessoas que presencearam o caso.

Mas ainda não fica por aqui a arbitrariedade, vae mais longe a sua ira, ordenando ao carcereiro da prisão que não deixasse approximar-se ninguem da cadeia, pondo-nos incommunicavel e com uma vigilancia sobre nós que nem que tivessemos commettido um roubo ou uma morte. Isto é edificante; é simplesmente ridiculo. Comnosco procede-se assim, o surdo-mudo mandou-se passear. Sim, para esse era preciso para o prender um termo de responsabilidade, quando se viu roubar, quando estava á vista o roubo.

As auctoridades competentes avaliarão da veracidade do que acabamos de expôr.

SILVA VIEIRA.

O QUE HA DE MAIS NOGENTO

Depois de entrarmos para a prisão e depois de entabolarmos conversa com um preso que ali se encontrava de nome Manoel Dias da Costa Lima, da freguezia de S. Paio d'Antas, por este nos foi dito deante do carcereiro d'esta prisão Ricardo do Espirito Santo, que sua mulher, Rosa Gomes de Mattos, se lhe queixara momentos antes, de que, indo a casa dos surs. drs. Juiz e Subdelegado d'este julgado para fins convenientes, depois de entrar as portas a dentro lhe apparecera o snr. Antonio Esteves, administrador d'este concelho, que dizendo-lhe com palavras amaveis que entrasse a agarrou tentando leval-a á força para o interior da casa, isto com o unico fim de a «desfeitar,» não o conseguindo em virtude de ella gritar e esforçar-se para que elle não conseguisse os fins que desejava.

Isto não é d'uma autoridade que preza a Moralidade, o que lhe deveria sempre servir de guia: abusar do seu poder praticando escandalos desta ordem, o que há de mais nogento, de mais repugnante e de mais asqueroso!

Este procedimento é o que ha de mais vil. Abusar da boa fé de uma mulher conduzindo-a ao caminho da prostituição, quando seu marido se achava preso na cadeia d'esta villa a cumprir sentença que lhe tinha sido imposta em policia correcional!

A auctoridade que deve ser sempre a primeira a dar o exemplo da moralidade, é como acabamos de relatar a primeira a praticar immoralidades como esta que o collocaria no mais infimo logar da sociedade se os seus creditos não tivessem sido já arrastados pela rua d'Amargura.

Mas não nos admira isto, porque segundo nos consta esta AUCTORIDADE acabava de vir de um lauto jantar dado pelo sr. subdelegado, juiz, administrador, etc., na foz do Cavado.

Uma auctoridade d'estas, que pratica d'estes actos e que não olha para a posição de que está investido não póde nem deve continuar á frente d'uma administração.

Isto não tem nada que se recommende, não tem defeza possivel. Os nossos leitores que avaliem estes actos e que façam o juizo que entender d'este procedimento.

SILVA VIEIRA.

A CULPA E' DO POVO

Sim, a culpa é do povo e só do povo. Se cada um soubesse cumprir os seus deveres, e exercesse com lisura e dignidade os seus direitos, a nação não teria chegado á tristissima situação em que se encontra, e o thesouro publico não estaria tão pobre e exhausto, a ponto de nem sequer ter o indispensavel para satisfazer os compromissos d'honra que havemos contrahido.

Mas como o povo TANTO SE LHE DÁ COMO SE LHE DEU, e deixa correr tudo á revelia com uma indifferença de um povo perdido e já morto, os homens que têem empolgado ás cadeiras do mando, quasi sempre por meios pouco louvaveis, e até menos dignos, fazem tudo quanto lhes vem á cabeça, e commettem toda a ordem de abusos, porque contam com a impunidade, e porque ninguem lhes tira contas stritas do que fizeram e praticaram.

E' assim que vivemos, ha muitos annos, sempre descontentes, sempre a lastimarmo-nos, e a nossa sorte è cada vez peor, porque peores são os govêrnos que se teem succedido no governo.

Pois desengane-se o povo, e castigue a valer os homens, e verão como elles aprendem e tomam emenda. E se a não tomarem peor para elles, que ficarão perdidos.

Faça o povo o que deve, e proceda com coragem para defender os seus direitos, que são a garantia da fortuna e felicidade da nação, e de nós todos, e o povo conhecerá que ha de ser respeitado e obedecido.

Mas como o povo dorme, os governos tripudiam e fazem troça da justiça, do direito, da razão e do dever.

Não nos deixemos enfraquecer com o temor de que o nosso mal já não tem remedio. Tem remedio, tem, e basta que o povo queira, que tudo será remediado.

E para isto não precisamos recorrer a revolução. Isso seria o peior

dos males, porque seria sacrificar sòmente o povo, os innocentes, os que não têem crimes, emquanto que os culpados, os criminosos, os que nos têem perdido e desgraçado, se ficavam a rir e a gosar escandalosamante as suas escandalosas prebendas à custa do thesouro e do povo, a sua eterna victima de exploração e escarneo.

Não. O castigo deve ser infligido aos culpados, e esses não são tantos, que não sejam conhecidos de todos, e que não andem ahi apontados ao dedo como algozes da peior especie. São conhecidos, e é a esses que se devem pedir contas do mal que nos fizeram.

Lembre-se o povo, que os grandes lá se entendem, e que quem paga as differenças são sempre os pequenos, e entre estes mesmos, os mais pequenos.

Revolução?! Não que a revolução póde ainda servir para ELLES melhor se arranjarem. Do que precisamos, e do que o povo tem a tratar, é arranjar-se a si, porque quando o povo esteja feliz e satisfeito, feliz estará tambem a nação, e da nação e não D'ELLES é que nós devemos cuidar com toda a diligencia e dedicação.

Tome o povo o seu logar, e caminhe a direito, e verá se os governos tomam ou não juizo, e se mais se atrevem a ousadias, a desmandos, abusos, e desperdicios sem nome e a escandalos e poucas vergonhas.

Os governos têem REFORMADO tudo a seu modo para elles e para os da panella. Pois é chegado o momento. Reforme tambem o povo agora o seu procedimento, e diga, séria e resolutamente—basta, quem manda agora sou eu, porque isto é nosso e só nosso, e a nossa honra, e o nosso futuro assim nol'o impõe e exigem para salvação do paiz e de nós todos.

Castiguem-se os culpados, e então isto tomará outro rumo.

Antes não, e ao povo é que cabe toda a culpa.

A PRISÃO DO PROPRIETARIO D'ESTE JORNAL—INSULTO A UM CAVALHEIRO—O MODO DE VER DE UM TOLO...

Ainda bem que não ficamos sós no nosso posto.

O escalpello acidulante ha-de cahir impiedosamente, com todo o peso da Rasão e da Justiça que nos assiste, sobre os causadores da nossa estada na prisão civil.

A opinião publica está por nosso lado, porque viu na prisão de Silva Vieira uma imprudencia e uma fraqueza.

No espirito publico, lavra, fundo, a indignação contra o procedimento da auctoridade administrativa, e por lado d'esta parecem estar apenas os caracteres polluidos que por 'hi vegetam atidos a pequenas contingencias, e que os indigenas conservam para gloria dos pusillanimes e dos corruptos.

O homem que está de bem com a consciencia; que é digno, que vê as cousas sem parcialidades, reprova sem rebuço e sem arremedos o passo erradamente dado pelo sr. Administrador do concelho, como reprova o fiasco do sr. Subdelegado que, desauctorisadamente, ameaçadoramente, prendeu o sr. Domingos Gonçalves Ferreira da Silva, um cavalheiro estimado por todos que conhecem de perto o seu caracter impolluto e são.

Mas não ha duvidar que a Justiça se não creou para punir tão sòmente os grandes criminosos.

A Justiça pune tambem, não direi os ineptos e os tresloucados, mas os incoherentes e os insensatos que teem o arrojo de, atidos à insignificancia do lugar que occupam mediocremente, dizerem que PÒDEM, MANDAM E QUEREM, ou cuspir uma ameaça asperrima a um homem digno na mais lata accepção da palavra, e que nada tem que ver com o meliante ou meliantes que ousaram servir-se do seu nome, assàs prestigioso, para assacar uma calumnia ou bulsar uma injuria.

E será conveniente, muito conveniente, que se apurem responsabilidades, para que não se envolvam n'essa cobarde e accintosa calumnia, pessoas que, encomiando quando justo; zurzindo quando necessario, teem tido e terão sempre a coragem precisa para dizer, peito a peito, ou no respeitavel tribunal da Imprensa, o que se lhe aprouver.

* * *

AINDA A PROPOSITO DA NOSSA PRISÃO.

Porque motivo nos prendeu o sr. Administrador? matamos alguem? saqueamos alguma casa? encobrimos algum furto? Não. Diz S. S.ª que foi porque lhe faltamos ao respeito, affirmando alto e bom som, como ainda hoje o fazemos sem o menor intuito offensivo «que toda a gente o conhece». Mas aonde está aqui o insulto, onde está aqui a injuria? Pois nós dizendo «que todos conhecem o sr. Administrador, offendemol-o por ventura nos seus brios? Não seria vinte vezes mais triste para S. S.ª se nós affirmassemos que ninguem o conhecia, sendo o sr. Antonio Pereira Esteves, administrador d'este concelho?

Isto seria pol-o abaixo de *rabo de cão*; e nós, que somos bastante admiradores dos meritos innactos e adquiridos para que tal ousassemos proclamar ás turbas!

Pois o sr. administrador, que não sabemos porque motivos, deixou de metter na cadeia a receptadora dos furtos praticados pela «Trapilheira;» pois o sr. Administrador que ainda não ha muito, não duvidou despretigiar um seu subalterno, o sr. Antonio José Fernandes, quando este se lhe queixou d'um furto praticado em sua propria casa pelo lendario *Surdo-mudo*, não catrafilando este com o pretexto de que não havia provas para o fazer, quando é certo que o gatuno fôra apanhado em flagrante pelo sr. Antonio Josè Fernandes ao tempo regedor d'esta freguezia; pois o sr. Administrador como é que justifica, como é que legitima a nossa prisão?

Mas, como já dizia Heitor Pinto, «as cousas no mundo são como a lua, que nunca permanece da mesma maneira, antes para cada dia tem sua figura.» E aqui está a nossa prisão a confirmar o dito do escriptor portuguez, para honra do sr. Administrador e martyrio nosso...

* * *

LITTERATURA

MEDITAÇÕES

A meia-noite soava pausada e triste n'um campanario. A lua sorria tristezas lá em cima, muito lá em cima.

A' minha volta cruzes toscas chorando orvalho, columnas alvadias de marmore chorando sombras, cyprestes luctuosos entoando elegias. Perto de mim uma campa escancarada, e a loisada tombada para um lado; «AQUI JAZEM AS TUAS ESPERANÇAS» em lettras negras, embutidas na pedra—li na loisa fria que mão ignorada tirára da campa e havia tombado para o lado... Nas trévas que povoavam o leito mortuario serpeavam vèrmes phosphorecentes, iriados, aqui, além, lá... e só trévas, depois, nada mais, só trèvas...—Onde estavam pois as minhas esperanças? Evolar-se-iam para os mundos desconhecidos? A mão ignorada que destampára a feral campa levarias-as comsigo?... E eu interrogava o sepulcro aberto onde só jazia a tréva, vérmes phosphorecendo d'onde em onde, trévas depois e só trévas... e a mudez glacial como só ha ao de dentro dos tumulos, respondia-me pelas trévas, pelo nada. As toscas cruzinhas continuavam a chorar orvalho, as columnas alvadias de marmore a chorar sombras, os luctuosos cyprestes entoando elegias... Depois os meus olhos ergueram-se da negra campa aos ceus como a procurarem lá no Immenso essas Esperanças; e lá em cima, muito lá em cima, entre tantas estrellas encontrei uma a sorrir uns sorrisos tão ternos, tão meigos!... e n'esses sorrisos da bella estrella eu vi o teu sorriso de ternura, todo meiguice, e espontaneamente—como se fôra o coração que fallasse—exclamei:

«Eis a Esperança que arrebaton todas as minhas esperanças; és tu, minha amada, a felicidade que aspiro ò realidade de todas as minhas esperanças!»—E na campa fria só o nada, as trévas moram, porque as minhas esperanças teem no mundo a sua realisação em ti; lá dentro dos tumulos irmanada com as trévas, com o nada, só póde morar a desesperança, ou as esperanças que—só debaixo das loisas sepulchraes—poderão (quem o sabe?) ter realidade um dia...

Coimbra, 4-6.º-93

LUIZ VIANNA.

PHANTASIAS

—«Diz-me ó bella flor d'entre todas rainha, tu que desde que abetoas, colores, desabrochas e perfumas fitas altaneira ò sol e à tarde a fronte para o solo pendes para de novo o ergueres ao primeiro sorriso da aurora—tu que escutas o longo segredar das estrellas, diz-me a esses mundos todos de luz que lá do Immenso nos sorriem n'essas noites todas encantos e bellezas—são os meigos olhos d'esses anjos de cabello d'oiro, puros como a tua alma olorosa, formosos como a verdadeira personificação do Bello, que formam a celestial côrte do monarcha de todos os mundos e nas accordes lyras desferem os seus louvores—ou as realisações d'esses ideaes que a phantasia do homem sonha, e que na terra nunca encontra, as quaes das suas ogivas de nuvem derramam nos espaços os fluidos da inspiração que taes chimeras cria—ou as esperanças norteadoras do desaventurado nauta que nos braços do Destino procura o porto da Felicidade?»

Assim perguntava o vespertino zephiro a uma purpurea rosa, bella como a primavera cuja filha era.

Ella respondeu a uma voz doce como o saboroso mel que a mariposa liba na sua corolla, suave como o perfume que o seu seio encerra:

—«Esses mundos de luz que no Immenso giram, são as lagrimas que eu chorei na tua auzencia; o seu brilho é puro—como o amor que o meu coração te dedica, intenso—como um constante desejo. Ellas são innumeras porque representam outras tantas saudades, e immensas porque immenso era o affecto que nas minhas faces as fez correr. Ellas sorriem porque representam tambem uma recordação feliz:—a d'esse beijo fugitivo e todo perfumes que ao declinar do dia os nossos labios mutuamente trocam...»

Coimbra, 93

LUIZ VIANNA.

CAMARA MUNICIPAL

Sessão ordinaria de 7 de Julho de 1894:

Presidencia Vianna, vereadores Vasquinho e Santos, bem como o administrador. Lida a acta anterior, foi apresentada a correspondencia seguinte:

Um officio do Juiz da comarca communicando ter-se installado a commissão dos jurados, arbitrando a gratificação de 13:500 reis ao empregado que auxiliou o secretario da commissão, devendo esta comarca contribuir com metade d'aquella quantia em harmonia com o § unico do art.º 5.º do regulamento de 29 d'agosto de 1867, pedindo tambem para se lhe responder ao officio n.º 8 de fevereiro ultimo; inteirada e resolvem declarar que não pode satisfazer a gratificação arbitrada por não estar para esse fim auctorisada em orçamento. Outro do administrador d'este concelho, n.º 99, datado de 5 do corrente, communicando ter sido exposta á porta de Anna Branca, de Fão, uma creança do sexo feminino que faz apresentar para se lhe dar o destino legal; Inteirada declarando a presidencia ter contratado a aleitação com Maria do Sacramento, por 100 reis diarios por tempo de um anno, ordenando tambem para ser baptisado recebendo o nome de Pantaleão. Outro do Vigia da estrada de S. Claudio, communicando que Manoel da Lage, e outros, de Gemezes, damnificaram a estrada com um pau que carregaram junto á mesma; resolveram que sejam intimados para pagar a multa. Um requerimento de Martinho Gonçalves, de Gandra, pedindo consentimento e laudemio para legalisar a compra de um terreno foreiro que realisara por 40$000 reis como mostra por documento legal; deferido. Outro de D. Maria Fogaça, d'esta villa, pedindo alinhamento para construir casas na rua do Craveiro d'esta villa, e licença para deposito de materiaes; deferido. Outro do Padre José Lima, de Forjães, declarando que a licença pedida em 18 de dezembro findo é para explorar uma mina subterranea, e que por isso o termo que tem de assignar seja n'este sentido; deferido. Disse a presidencia ter convocado para o dia 23 de junho findo os 40 maiores contribuintes para emittirem parecer sobre os impostos directos por percentagem que têm de se lançar no futuro anno, e como não comparecesse numero legal de contribuintes, novamente os convocara para o dia de hoje, e como não comparecesse algum ordenara que eu secretario lavrasse o respectivo termo, resolvendo a Camara approvar a percentagem, sendo 40 °|₀ para despesas geraes sobre as contribuições do estado, 5 °|₀ dos outros rendimentos, e 15 °|₀ para a instrucção primaria. Disse mais a presidencia terem sido convocados para o dia 23 de junho findo os 40 maiores contribuintes para darem parecer sobre o emprestimo de reis 2:000$000 que pretende contrair para a Viação municipal, como porém n'aquelle dia não comparecesse numero legal de maiores contribuintes, novamente os convocara para o dia de hoje, e porque não aparecesse algum para emittir o referido parecer, ordenara que eu secretario lavrasse termo a que se refere o § 2.º do citado art.º 119 do Cod. Adm.; approvado. Disse mais terem sido convocados para o dia 23 de junho findo os 40 maiores contribuintes para emittirem o seu parecer ácerca do projecto do 1.º orçamento supplementar para o corrente anno, conforme dispõe o art.º 119 do Cod. Adm., como porém não comparecesse numero legal n'aquelle dia, novamente os convocara para hoje, como preceitua o § 1.º do referido artigo, e porque nenhum comparecesse para emittir o referido parecer, ordenara que eu secretario lavrasse o termo a que se refere o § segundo do citado art.º 119 do mesmo Codigo, afim de se lhe dar o destino legal; approvado. Em seguida declarou a mesma presidencia ter incluido no referido orçamento supplementar a verba de 110$000 reis para satisfazer o ordenado de Antonio Lopes, novo amanuense da administração d'este concelho, isto em conformidade d'esta Camara ter elevado este concelho a 2.ª ordem com o fundamento de ter os habitantes necessarios para tal fim; como succede porém que pela publicação no Diario do Governo, a população d'este concelho não attinge o numero preciso para ser classificado de 2.º ordem, fazia esta declaração declinando de si qualquer responsabilidade. Em seguida propoz que o zelador Taifista seja intimado para não só dar inteiro cumprimento ás posturas municipaes, como até lavar diariamente o tanque da fonte publica em que se lavam roupas, no tempo de verão, e um dia sim outro não no tempo de inverno, bem como lavar o tanque da fonte semanalmente ou quando seja necessario, e conservar sob sua guarda a limpesa dos canos da mesma fonte, tudo debaixo das ordens do zelador mór, devendo tambem examinar, na forma do costume, as reses que se abatem nos açougues d'esta villa, acompanhado do dito zelador; e que de egual forma seja acompanhado o examinador das rezes que se abatem na freguezia de Fão. E por nada mais haver que deliberar se encerrou a presente sessão.

ECHOS E NOTICIAS

Fallecimento

Sucumbiu aos estragos de uma tuberculose no sabbado da semana penultima, na freguezia das Marinhas, a menina Palmira, extremosa filha do nosso querido amigo o Ex.mo Sr. Major João Dias Rego. Ao funeral, que se effectuou na segunda feira da semana finda, assistiu grande numero de amigos de sua ex.ª. Ornavam o caixão que guardava os restos mortaes da infeliz menina, trez corôas de virgem onde se liam as inscripções:

«=A nossa filha Palmira, eterna saudade de seus paes João e Julia»=A nossa irmã Palmira—eterna recordação de Eugenio, Anselmo, Eduardo, Armando, João, Julia, e Arthur».=

«A' nossa amiguinha Palmira Boaventura Rego, a saudade de Maria e Christina Lopes».

Recebeu a chave do caixão o snr. João José Lopes, secretario da Administração d'este concelho.

Ao Ex.mo Snr. Major Rego, bem como a toda a familia dorida, envia esta redacção sentidos pesames.

PÓS DENTIFRICOS INDIANOS
—RAMALHO—

Lua de mel tornada em lua de fel

Dizem de Valbom que houve alli um casorio e que o noivo proporcionou á sua bem amada uma soberba carga de pau, para lhe fazer gosar uma excepcional lua de mel. Para principio de vida não é mau. Naturalmente o noivo quiz logo no primeiro dia mostrar á noiva a lei em que ella devia viver. Applicou-lhe o artigo 1.º do codigo por que se ha de reger a familia.

TEM GRAÇA E NÃO OFFENDE

O administrador substituto d'este concelho, depois de praticar a ultima arbitrariedade da nossa prisão, disse que estava arrependido de ter procedido d'aquella fórma, mas que tinha sido acommetido de um ataque de... nervos. Mas nòs é que não estamos para ser victimas dos ataques do sr. administrador, prendendo-nos arbitrariamente e tendo-nos retido na cadeia desta villa sem motivo nem culpa.

Um original

Os tribunaes absolveram hoje, com toda a justiça, um pobre diabo a quem a policia accusava de vadiagem sem o menor elemento de prova, unicamente porque o viu passar à porta da esquadra muito rôto e com cara de fome.

—Em que se occupa?—perguntou-lhe o juiz.

Elle—Sou alfayate, mas não tenho trabalho. Fui militar, andei 10 annos em Africa, vim para Lisboa e ficou-me a bagagem a bordo. Como não tenho fato e ninguem me dà trabalho, vejo-me obrigado a viver do que me dão. Chamam-me vadio, mas vadio é um cão.

«Eu cá não faço mal a ninguem; passeio para entreter a fome. A policia viu-me e disse-me: Venha cá conversar... E conversa foi ella, que tem durado até hoje e promette continuar se não tiverem dò de mim.

O juiz, sr. conselheiro Custodio Ventura, condoeu-se tanto d'elle, que lhe deu esmola e mandou-o em liberdade.

PÓS DENTIFRICOS INDIANOS
=RAMALHO=

Centenario de Santo Antonio

As colonias portuguezas em New Bedford, da California e outros pontos da America do Norte, onde residem muitos compatriotas nossos, projectam organisar peregrinações para virem a Lisboa por occasião das fes-

tas do centenario de Santo Antonio.

O Portuguez, jornal que se publica n'aquella cidade, tem feito a maior propaganda a tal respeito, mostrando-se muito enthusiasta pelas festas que se projectam ao milagroso Santo, tão popular em Lisboa.

ATTENTADO CRIME--UM HOMEM APEDREJADO--FERIMENTOS

O nosso amigo Antonio Pires Salleiro acaba de ser victima de um insulto crime praticado na sua pessoa por uns pescadores poveiros que entraram a nossa barra na 2.ª feira ultima, pelas 11 horas da noite.

Relatemos o facto:

Os pescadores roubaram ao nosso amigo uma porção de batatas e madeira, cujo roubo tinham o bordo do barco de pesca amarrado na foz do rio Cavado. O sr. Salleiro foi ali e disse-lhes para lhe pôrem no sitio ou entregar-lhe, o que lhe tinham roubado, sob pena de prisão á ordem da auctoridade. Os pescadores, não contentes com a intimação, começaram por insultal-o, armaram-se de remos, e de pedras em punho arremessaram sobre o roubado que em breve cahia por terra com bastantes ferimentos na cabeça, na cara, pondo-o em lastimavel estado. Vimos na 3.ª feira o roubado e ferido que estava com a cabeça e rosto ensanguentados, e com golpes, alguns bem fundos.

O sr. Salleiro veio queixar-se do referido á auctoridade, mas os poveiros pozeram-se em fuga no seu batel pelo mar dentro.

Veremos o que se indaga de tudo isto.

*

Ante-hontem chegou a esta villa a companha da lancha a que nos referimos acima, composta de 23 pescadores, que haviam sido presos no dia antes na Povoa de Varzim por ordem da auctoridade competente.

Estiveram prestando as declarações exigidas na Administração do concelho, 5 dos quaes de nome José Lourenço Pitanga, Joaquim Pitanga, Antonio Fangueiro, Gaspar da Costa e José Rodrigues Matheus.

Os restantes regressaram no mesmo dia á Povoa de Varzim.

O estado do nosso amigo sr. Antonio Pires Salleiro, inspira cuidado.

Sentimos devéras o estado melindroso do activo e digno industrial.

PÓS DESTIFRICOS INDIANOS
—RAMALHO—

Transcripção

Os nosssos collegas *Vimaranense*, de Guimarães; *Alto Minho*, de Monsão, e *Jornal de Melgaço*, da villa que lhe dá o titulo, transcreveram o artigo editorial do n.º 102 do nosso jornal, intitulado—*Anarchismo*.

Agradecemos.

Exame

Obteu na Universidade de Coimbra plena approvação no exame do primeiro anno de Direito, o joven academico Joaquim Narcizo da Silva Mattos, filho do sr. Joaquim N. da S. Mattos, abastado proprietario de Fão.

Aos nossos «TURFMENS»

O sr. Vasco Pinheiro, um artista distincto, acaba de mudar o seu «atelier» d'alfaiate para a rua do Caes, onde espera continuar a receber o obsequio da visita dos nossos illustres *turfmens*.

A casa do nosso amigo recommenda-se não só pela boa execução das obras, como pela modicidade de preços, e por isso merece a concorrencia de todos os cavalheiros que primam no vestuario.

Conservatoria

Confirma-se o boato da creação de uma conservatoria de registro predial n'esta villa, e a nomeação do sr. dr. João de Mendonça, para o lugar de conservador na mesma.

Ainda não acreditamos.

Novo barco

Acaba de ser lançado á agua o novo hiate *Maria*, acabado de construir nos estaleiros de Fão, já assás conhecidos, pelo habil constructor naval sr. Manoel Dias dos Santos Borda.

*

A chalupa *Chiquita*, que ha dias sahiu dos estaleiros de Fão, foi construida sob a direcção do sr. Antonio Dias dos Santos e não da do sr. Manoel Dias dos Santos Borda, como por equivoco dissemos.

PÓS DENTIFRICOS INDIANOS
—RAMALHO—

Grande festividade

E' hoje que se realisa na sua capellinha erecta no largo do Outeiro a grande festividade em honra do Nosso Senhor dos Afflictos.

A absoluta falta de espaço inhibe-nos de dar uma resenha circumstanciada d'esta festividade, o que faremos no proximo n.º.

LOJA POPULAR

Os proprietarios d'este conceituado estabelecimento da rua Direita, partipam aos seus ex.mos freguezes que receberam lindos córtes de casimira proprias para a presente estação; oxfords e sarjas para camisas, castorinas d'algodão de bonitos desenhos; um variado sortido de chitas, (30 padrões de novidade) e os mais «chics» cache-nés e chailes «primavera»,

Sapatos de trança, lisbonenses, a 200, 220, 240, 260, 280, 300, 320, 340, 360, 380, 400, 420, 440, 460 e 480 reis,—só os adquiriu, no invejavel sortido que fez, a muito acreditada e famosa

LOJA POPULAR
da
Rua Direita

Escola Conde de Ferreira

Principiam amanhã os exames elementares na escola *Conde de Ferreira* d'esta villa.

O jury é organisado pelos seguintes professores e professoras primarias:

Antonio d'Abreu, professor da mesma escola, presidente.

José Candido Ribeiro da Rocha, professor da escola de Fão, vice-presidente.

D. Maria Emilia da Silva Niny, professora regia n'esta villa, supplente.

D. Maria Joaquina da Costa Vieira, professora da escola de Fão, supplente.

Antonio Alves de Faria, professor da escola de Forjães. supplente.

A chamada é feita às 10 horas da manhã.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvados por decreto da mesma data, contendo as tabellas necessarias, taxas segundo as ordens das terras, etc.

Acha-se publicada esta obra, cuja conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriaes, fabris, commerciaes, artes e officios. Estudando-a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitarem injustiças e aggravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a UNICA que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 reis.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares.

Remette-se para a provincia a quem enviar 210 reis, em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaya, 183, 1.º—Lisboa.

NEGROLOGIO

Falleceu a innocente Palmirinha!

A morte roubou-lhe a vida quando, para ella, começavam a aurifulgir os primeiros clarões da existencia. Tinha 11 annos apenas.

Morreu na idade em que começam a penetrar, ainda muito froixamente, os primeiros raios da luz que alfim acclaram o espirito humano.

E' dolorosa a transição da existencia para as mysteriosas regiões a toda a humanidade; mas amarissimo se torna o sentimento ao vermos o alvo Lyrio vicejante de seiva, e precocemente estiolal-o á fria aragem do nordeste.

* * *

Vimol-a poucas horas antes de morrer, e se ella soffria muito o nosso coração chorava quando os seus olhos nos fitavam com manifesta melancholia como que pedindo-nos auxilio na sua dolorosa jornada.

Os anjos não são para este mundo de fragilidades e de miserias: têm um destino muito outro, qual foi o d'aquelle anjo que ora aos pez de Deus e solicita indulgencias para as fraquezas d'aquelles que em vida foram seus paes amantissimos.

Aos seus inconsolaveis paes, o Ex.mo Snr. Major João Dias Rego e sua Ex.ma esposa D.ª Julia de Boaventura Rego, enviamos a expressão da nossa sincera condolencia.

M. DO PILLAR.

FÓRA DE PORTAS

O MOUQUINHO

Conhecem este personagem? Se conhecem!

O asqueroso vagabundo que outr'ora percorria de noite todas as viéllas d'uma villa, de sociedade com outros de igual jaez, da sua laia, da sua estatura.

Conhecem-n'o? Eil-o ahi está chafurdando na mesma lama, lançado ao mesmo desprezo, de sociedade com os ladrões, vivendo d'essa industria. E' um infame; é um covarde. E' um bandido porque encobre toda a casta de crimes e um vil porque nunca foi outra coisa: é um canalha porque os seus actos e os seus precedentes demonstram isso mesmo. Elle é o jogador immundo de profissão, elle é o engajador de carne humana, o capa de ladrões, emfim; o ente mais despresivel que o mundo conhece e admira como um idolo, como um ente sem credito, sem consciencia e sem vergonha.

A sua bilis innoja, a sua convivencia contamina os bons corações.

VIAGENS & SALLAS

Partiu na 5.ª feira para as termas de Vizella, o nosso distincto conterraneo e opulento capitalista sr. Valentim Ribeiro da Fonseca.

*

Para as caldas de Lijó, tambem partiu ha dias o nosso dilecto amigo e presado patricio sr. Luiz Antonio Palmeira.

*

Esteve ante-hontem n'esta villa o sr. David José Alves, respeitavel cavalheiro da Povoa de Varzim.

*

Tivemos o prazer de cumprimentar aqui, ante-hontem, o nosso respeitavel collega da *Aurora do Cavado* e abalisado causidico sr. dr. Rodrigo Velloso,

MOVIMENTO MARITIMO
de 15 a 21

Entradas:

20—Cahique *Novo Activo*, da Figeira da Foz, pedra de cal.

Sahidas:

20—Cahique *Novo Activo*, para a Figueira da Foz, lastro.

—

Tem licença para sahir o hiate *Gomes 1.º*.

BIBLIOGRAPHIA

Publicações diversas

—O n.º 4, 4.º anno, da **Nova Alvorada**, brilhante revista mensal litteraria e scientifica, que se publica na modesta villa de Famalicão. E' um archivo de brilhantes escriptos dos mais abalisado sescriptores d'este reino.

—O n.º 6, 9.º anno. da **Revista de Educação e Ensino**, que a casa Guillard e Aillaud& C.ª da capital, faz distribuir mensalmente pelos seus numerosos assignantes. E' seu director o distincto professor e laureado poeta o sr. dr. Ferreira Deus-dado, tendo ainda a cooperação effectiva de distinctos homens de lettras do nosso paiz.

—O n.º 14, 8.º anno, do **Amphion**, quinzenario musical lisbonense.

—O n.º 89, 7.º anno da apreciabilissima revista de instrucção e recreio **Encyclopedia das Familias** que se publica em Lisboa debaixo da direcção dos srs. Lucas & Filho estabelecidos na rua do «Diario de Noticias» n.º 93. E', sem conteste, uma das melhores revistas que conhecemos, não só pela leitura variado mas ainda pelo modico preço, 50 rs. cada n.º de 80 paginas em typo corpo 8.

—O n.º 6 da **Dozimetria**.

—O n.º 10, 5.º anno, do **Boletim Colonial**, publicação lisbonense.

—Recebemos o n.º 3 do 7.º anno da **Melusine**, revista de mythologia, litteratura popular, tradições e uzos, fundada por H. Gaidoz e Rolland, e hoje dirigida por Henri Gaidoz.

Redacção livraria E. Rolland, 2, Chantiers,—Paris.

—O n.º 14, 1.º anno, do **Jornal de Agricultura e Horticultura Pratica**, uma das melhores publicações agricolas que se está fazendo no nosso paiz.

E' redactor, o sr. Eduardo Sequeira e proprietario Astier Villate tendo por collaboradores uma pleiade de distinctos escriptores tanto nacionaes como estrangeiros. Preço por anno 2,000 reis. Redacção rua da Alegria, 215=Porto.

—A caderneta n.º 21 e 22 do festejado romance de Emile Richebourg, **Os Filhos da Millionaria**, versão portugueza de Julio de Magalhães e editada pela bem conhecida livraria Belem & C.ª estabelecida na rua do Marechal Saldanha, 26—Lisboa- Vae annuncio.

—O n.º 13, volume 1.º da **Agricultura Moderna**, revista quinzenal de agricultura pratica, dirigida e collaborada por distinctos agricultores, agronomos, medicos, veterinarios, viticultores, regentes agricolas, mestres de artes agricolas nacionaes e estrangeiros.

E' pois, sem conteste, uma boa publicação agricola. Redacção, Praça de S. Bento n.º 28—2.º Lisboa.

—O n.º 19, 1.º anno do excellente jornal de propaganda agricola **A Agricultura Nacional**, que se publica em Lisboa debaixo da conspicua direcção do snr. A. de Le Cocq.

—O n.º 8, 16 anno, do **Progresso Catholico**, que vê a luz da publicidade na cidade de Guimarães. E' uma das publicações mais baratas que conhecemos n'este genero. O seu custo por anno é apenas de 600 rs.

Agradecemos.

ANNUNCIOS

NOVO ESTABELECIMENTO
DE
Antonio Pessoa Braga
RUA DA PRAÇA
FÃO

Armazem de mercearia, ferragens, tintas, vernizes, differentes miudezas e muitos outros artigos que seria difficil innumerar pela sua grande variedade.

Estes artigos são de 1.ª qualidade, e vendem-se o mais baratopossivel e sem receio de competidor.

—

DEPOSITO DE ENXOFRE

Os snrs. consumidores d'este mineral, encontrarão n'esta casa enxofre de 1.ª qualidade, que se vende por modico preço, podendo até competir com as melhores e mais barateiras casas commerciaes de Barcellos.

RUA DA PRAÇA
FÃO

A ILLUSTRAÇÃO DA COSTURA

Publicação quinzenal

Director artistico Antonio Rolan, que desenhou dois primeiros annos do «Açafate de Costura».

Letras ornamentaes, allegorias, crochet, medalhões monogrammas, trabalhos de tapessaria.

Assigna-se: na administração rua de Godim n.º 7, Porto; em Penafiel, na typographia do—«Commercio de Penafiel—rua Serpa Pinto.

—

Cada numero—40 réis pagos ne acto da entrega.

O RECREIO

REVISTA SEMANAL, LITTERARIA E CHARADISTICA

publicação começada em 1885

Redacção e administração—Rua do Marechal Saldanha, 59 e 61

Cada numero em Lisboa, pago no acto da entrega, 20 réis.

Provincia: cada série de 26 numeros, 580 réis, pagamento adeantado.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor João Romano Torres,, rua do Marechal Saldanha, 59 e 61.—Lisboa.

ENCYCLOPEDIA
DAS FAMILIAS

Revista de instrucção e recreio.

A publicação mais util e economica que até hoje se tem publicado emPortúgal.

D'esta excellente revista publica-se mensalmente um numero, comprehendendo 64 paginas de typomiudo, elegantemente brochado. Cada anno ou 12 numeros fórma um grosso volume de mais de 700 paginas. O preço da assignatura é de 600 réis cada 12 numeros. Acha-se em publicação o 8.º anno. Acceitam se assignaturas a começar em qualquer dos volumes.

Qualquer volume se remette franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio, ao escriptorio da empreza editora, sem o que não será nada expedido.—Rua do Diario de Noticias, 93.

COLLECÇÃO
ANTONIO M. PEREIRA

Vulgarisação das melhores obras
por
Escriptores nacionaes e estrangeiros
Romances, contos, viagens, litteratura, etc,, etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellenteedição e optimo papel.

Preço de cada volume 200 reis brochado, ou 300 reis elegantemente encadernado em percalina.

Para as provincias acresce o porte do correio.

N.º 1=«Tristezas á Beira Mar», romance de Manoel Pinheiro Chagas, 1 vol.

N.º 2=«Contos ao Luar», por Julio Cesar Machado, 1 vol.

N.º 3=«Carmen», celebre romance de Merimée, traducção de Mariano Level.

N.º 4=«A feira de Paris», por Iriel.

N.º 5=«A mascara Vermelha» romance historico de Pinheiro Chagas.

N.º 6—«John Bull e a sua ilha» traducção dei Pinheiro Chagas.

N.º 7=«O Juramento da duqueza», por Pinheiro Chagas.

N.º 8=«A Lenda da meia noite.

N.º 9=«A Joia do Vice-Rei», por Pinheiro Chagas, 1 vol.

N.º 10=«Vinte annos de vida litteraria», por Alberto Pimentel.

N.º 11=«Honra de artista», por Octave Feuillet, trad. de Pinheiro Chagas.

N.º 12=«Os meus amores», (contos e balladas), por Trindade Coelho.

N.º 13=«A aventura de um polaco», por Victor Cherbuliez, traducção de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1.º tomo.

N.º 14=«Aaventura de um polaco», por Victor Cherbuliez, traducção de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Vol. II e ultimo.

N.º 15=«Contos do tio Joaquim, por Rodrigo Paganino, 2.º edição.

N.º 16=«Batalhas da vida» por Cuiomar Torresão.

N.º 17=«Noites de Cintra por Alberto Pimentel, 1 vol.

N.os 18 e 19=«Em segredo, por L. Tinseau, trad. de Margarida Sequeira, 2 vol.

N.os 20 e 21=«A irmã de caridade», romance de Emilio Castellar, traducção de Luiz Quirino Chaves.

N.º 22=«Migalhas da Historia Portugueza,» por Pinheiro Chagas.

N.º 23=«A Cruz de brilhantes», chronica d'aldeia, por Alfredo Campos.

N.º 24=«Contos» de Affonso Botelho.

N.º 25=«Contos Phantasticos», por Theophilo Braga.

N.º 26=«O mysterio da estrada de Cintra», por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão.

N.º 27=«O naufragio do Vicente Sodré», romance historico de Pinheiro Chagas 1 vol.

N.º 28=«Vid'airada», por Alfredo Mesquita, 1 vol.

No prélo:

N.º 29=«O Bacharel Ramires», por Candido de Figueiredo, 1 vol.

Publica-se um volume por mez.

A' venda na livraria do editor Antonio Maria Pereira.

50, 52=rua Augusta=52, 54.

e em todas ás outras livrarias—No Porto, na Livraria Lello, rua do Almada, 18 e 20.

PHARMACIA CENTRAL ESPOZENDENSE

DE

JOSÈ CANDIDO DA SILVA RAMALHO

RUA DIREITA—ESPOZENDE (8)

Serviço permanente

Esta pharmacia. fornecida convenientemente de todos os preparados chimicos, indispensaveis ao uzo da sciencia medica, tem um variado sortimento de medicamentos estrangeiros, cuja barateza e indiscutivel utilidade não desmentem a solida reputação d'este já muito acreditado estabelecimento. Entre todos esses preparados, que as primeiras summidades medicas empregam com a melhor certeza d'um resultado lisongeiro, esta pharmacia, devido ao estudo do seu proprietario, possue preparados tão necessarios como salutarmente garantidos nos seus effeitos. São elles:

Pomada anti-herpetica

Cura todas as molestias de pelle. Preço da caixa 120 reis.

Injecção adstringente calmante

Cura todas as bleunorrhagias as mais rebeldes. Preço do frasco 300 reis.

Especifico contra callos

Efficaz para a destruição completa dos callos. Preço do frasco 300 reis

Xarope vermifugo

O melhor medicamento conhecido contra as lombrigas

Deposito geral—PHARMACIA CENTRAL—ESPOZENDE

REMEDIOS DE AYER

Vigor do cabello de AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Peitoral de cereja de Ayer. O remedio mais seguro que ha para cura da **tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.**

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o **sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.**

O remedio de Ayer contra sezões—»Febres intermitentes e biliosas».

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, por que um vidro dura muito tempo.

Pilulas Catharticas de Ayer—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

Perfeito desinfectante e purificante de JEYES—para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias, PREÇO **240** REIS.

JEYES' PERFEITO PURIFICANTE — MARCA REGISTRADA

VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK

E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

Sabonetes de glycerina marca «Cassels» muito grandes, da melhor qualidade e amaciam a pelle.

Preço 700 reis a duzia (7)

CASA BARATEIRA

Novo estabelecimento

de

MERCEARIA, FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

de

Francisco Mendes d'Oliveira

26, Rua Direita, 26

ESPOZENDE (6)

Um variado sortimento de chitas, setinetas, morins, panos crús, riscados, cotins, merinos, sargelins, casturinas, algodões, lãs e mais miudezas.

Bons generos de mercearia, genebras, vinhos engarrafados, café puro, chás de superior qualidade, louças, cêra e muitos outros generos que não podemos aqui mencionar.

Ao Mendes! Ao Mendes!

Divisa da casa:

Vender barato, para vender muito

FABRICA DE ADUBOS CHIMICOS

DO

NORTE DE PORTUGAL (A VAPOR)

Adubos para cereaes—milho e feijão, batatas, vinha, leguminosas, etc.—Gesso, nitrato, superphosphatos.

Dosagens garantidas

Vendas mensaes em 1892 **800** saccas.

» » em 1893 **3:400** saccas.

Com o nosso machinismo, **todo francez**, a Empreza póde agora fornecer **1:500 saccas** por dia.

Pedir prospectos e informações ao

Agronomo: ASTIER VILLATE (5)

RUA FORMOSA, 250 — PORTO

AO PUBLICO

João de Villas Boas Rubim, aluga a sua casa excellentemente mobilada.

Para tratar com o mesmo e na sua auzencia com o snr. João Felix de Miranda Magalhães.

EDITORES—**BELEM & C.ª**

Rua do Marechal Saldanha, 26 — Lisboa

OS FILHOS

—DA—

MILLIONARIA

Nova producção de

ÉMILE RICHEBOURG

Edição illustrada com bellos chromos e magnificas gravuras.

E' um verdadeiro romance de sensação e um trabalho litterario de primeira ordem o que vamos editar com o titulo «Os Filhos da Millionaria.

Publicado ultimamente em folhetins em um dos principaes jornaes parisienses, a sua leitura despertou verdadeiro enthusiasmo entre os amadores da litteratura romantica, que o apreciaram como sendo uma das mais brilhantes affirmações do grande talento e do alto espirito do seu auctor, já laureado por outros trabalhos trabalhos valiosissimos, muitos dos quaes são conhecidos dos nossos assignantes, taes como—A Mulher fatal, A Martyr, A Filha Maldita, O Marido, A Esposa, A Avó, etc.

O grande apreço que estes romances teem merecido entre nós, anima-nos a esperar que o facto de ser escripto pela mesma penna o novo e admiravel trabalho litterario que vamos emprehender, constitua recommendação bastante para incitar á sua leitura.

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTET: Uma estampa em chromo de grande formato, representando a «Vista geral do monumento da Batalha.» Tirada expressamente para este fim, e reproduzida em chromo a 14 côres, copia fiel d'este magestoso monumento historico, que é incontestavelmente um dos mais perfeitos que a Europa possue.

Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais completa e detalhada que até hoje tem apparecido.

«Brinde aos angariadores de 5, 10, 15 e 30 assignaturas.

«Condições d'assignatura:» Chromo, 10 réis, gravura, 10 réis; folha de 8 paginas, 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 60 réis, pagos no acto da entrega.

O porte para as provincias é á custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

«A empreza» considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de 3 assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—Rua do Marechal Saldanha, 26, Lisboa, onde se podem requisitar prospectos.

Novidade Litteraria

CHOROGRAPHIA DE

PORTUGAL, ILLUSTRADA

50 gravuras e 20 mappas a côres

por

FERREIRA-DEUSDADO

Professor proprietario lyceal de Geographia, Historia e Philosophia antigo membro do Conselho Superior d'Instrucção Publica, director da Revista d'Educação e Ensino &.

Custo 1$000 reis

GUILLARD, AILLAUD e C.ª

Casa Editora e de Commissão Lisboa 242, rua Aurea, 1.º Lisboa.

A' venda em todas as livrarias.

Empreza Editora Mello d'Azevedo e C.ª

Publicação de romances historicos portuguezes, especialmente consagrados a reproduzir os nossos fastos glorissos do ultramar.

Inaugurara a Empreza suas publicações com a dos

ORPHÁOS DE CALECUT

romance historico

pelo

sr. Henrique Lopes de Mendonça.

Já se acha no prélo e em breve será posto á venda em todas as livrarias.

Tambem poderá ser adquirido por assignatura, bem como todas as outras obras que forem publicadas, distribuindo-se semanalmente uma caderneta de 3 folhas de 8 paginas cada uma, por 60 reis pagos no acto da entrega. As illustrações com que as obras adornadas são dadas como brinde.

Assigna-se e vende-ae em todas as livrarias, e no escriptorio da Empreza (provisorio) na rua dos Retrozeiros n.º 147, Lisboa.

Assigna-se na livraria de Julio Joaquim Barreto—Barcellos.

ECHOS FINAES DO CENTENARIO HENRIQUINO

Foi posto á venda em todas as livrarias e kiosques d'esta cidadeum opusculo com este titulo.

Sufficientemente desenvolvido, tornase curioso de fórma a despertar a attenção de todos quantos assistiram e ouviram fallar das admiraveis festas do centenario do Infante D. Henrique.

Eis o titulo de alguns capitulos:

Ao leitor—Projecto do centenario henriquino—O Porto em festa—O que deviam ser as festas henriquinas—Commemorações festivas—Festas publicas e particulares—Publicações centenariaes—Conclusão.

PREÇO 50 REIS

Aos revendedores do Porto e provincias vantajosos descontos.

O conselheiro economico das familias

Obra utilissima a todas as senhoras para uso quotidiano da vida domestica.

Um volume, em brochura 300 reis

Com elegante encadernação em percalina........ 500 reis

Livraria Editora—Viuva Jacinto Silva

134, Rua do Almada, 136

PORTO

Novidade Litteraria

O SENHOR DE FOIOS

Romance

Fundado sobre uma lênda oral portuguezn, que acompanhou a vida excentrica e misteriosa de um rico fidalgo provinciano, fallecido ha annos,—«chronica de aldeia e da cidade»—estudo rigoroso de varios sentimentos e costumes.

por

SANCHES DE FRIAS (Visconde de)

A SAIR

por todo o proximo mez de maio, n'uma edição nitida e escripta em linguagem vernacula.

Deposito Geral e Expediente—Calçada da Graça, 12—Lisboa.

ALMANACH DE BRAGA E

SEU DISTRICTO

para 1895

Editado pela acreditada casa editora de Braga, de Laurindo Costa, começa a imprimir o excellente ALMANACH DE BRAGA E SEU DISTRICTO, o mais completo e interessante no genero.

Todos os pedidos devem ser feitos á livraria de Laurindo Costa, Largo do Barão de S. Martinho 41 e 42, Braga. O preço de cada exemplar é de 300 reis.

PRIVILEGIO **EXCLUSIVO**

EXPOSIÇÃO PROMOVIDA PELA ASSOCIAÇÃO ... 1861 — D. PEDRO V REI DE PORTUGAL — AO MERITO

CONTRA A DEBILIDADE

E

DOENÇAS DE PEITO

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DE FRANCO

UNICA LEGALMENTE AUCTORISADA E PRIVILEGIADA EM PORTUGAL

Preparada por **PEDRO AUGUSTO FRANCO**, Commendador da Ordem de Christo, Pharmaceutico fornecedor da Real Casa de Sua Magestade Fidelissima El-Rei o Senhor D. Luiz I, Membro Honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e de outras Sociedades scientificas e industriaes, premiado, etc.

Esta farinha, que é um excellente e agradavel alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, de idade avançada, convalescentes, amas de leite e para crianças, é ao mesmo tempo um valioso medicamento que pela sua acção tonica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e em geral nas que carecem de forças no organismo. A sua efficacia, evidenciada pelo uso quasi geral que d'ella se faz n'aquelle paiz ha muitos annos, levou o autor a tornal-a conhecida no estrangeiro.

Ha tambem a mesma farinha peitoral preparada SEM FERRO, para os casos em que elle não seja aconselhado.

LOJA POPULAR

ESTABELECIMENTO

NOVO

Fazendas brancas, miudezas, cera, objectos funebres e de escripotorio, e mercearia

—DE—

FARIA VALLERIO & PINHEIRO

(1) 25, RUA DIREITA, 25—A

ESPOZENDE

Grande sortido de morins, pannos crús, setinetas, chitas, percaes, flanellas de lã e algodão, castorinas, riscados, cotins, chailes e lençaria diversa.

Algodão, lãs, rendas, bordados, fitas, botões e mais miudezas.

Papelaria, cartões e differentes objectos d'escriptorio

—(o)—

Especialidade em café, chá, massas alimenticias e demais generos de mercearia

Artigos de palheta, fazendas para funeraes e vellas de cêra de differentes tamanhos.

Unicos depositarios do pulverisador Corngeira n'esta villa.

Divisa da casa:—Vender barato para vender mais.